

tempos. Messiaen, contrariamente a Santo Inácio, a Max Jacob e a Paul Claudel, não teve nenhuma revelação. Nasceu com fé e permaneceu nela. A sua música é a de um crente, de um homem profundamente sensível e objectivado, capaz de registar sem preconceitos o que nos dizem os anos e os dias. Numa longa entrevista concedida a Claude Samuel, em 1967, e publicada em livro, Messiaen fez estas declarações que justificam a sua presença nestas *Viagens aos Centros*: «Tenho horror à política, nunca fiz política, assim como tenho horror a que me apelidem de *engagé*. Sou músico porque amo a música e sou cristão porque creio. Mas nestas minhas atitudes não existe o mínimo compromisso.»

Início, pois, o nosso diálogo, interrogando-o sobre a origem, a raiz teológica da sua música e sobre quando e como estabeleceu a aproximação entre a fé e a música.

*Olivier Messiaen* — Já nasci com fé. Curiosamente. Meu pai foi professor de inglês, e desde muito novo li e declamei as obras de Shakespeare na presença de um único espectador, que era meu irmão. Como sabe, nas obras de Shakespeare abundam o sobrenatural e o maravilhoso — espectros e fantasmas, monstros, fadas. Todo este conjunto sobrenatural arrastou-me pouco a pouco para o autêntico sobrenatural que é muito mais belo e faz parte da nossa fé católica.

*Vintila Horia* — Como se produziu, nasceu a relação, o vínculo entre o sobrenatural shakespeariano e o religioso?

*O. M.* — Vou agora contar-lhe uma história que aconteceu há muito tempo — tenho mais de sessenta anos — e é fácil relacionar uma com o outro de forma lógica, mas nessa ocasião aquilo aconteceu-me de forma inconsciente. Tinha sete anos. Outro facto decisivo foi este: minha mãe era uma grande poetisa, «esperou-me líricamente», por assim dizer. O seu melhor livro de versos intitula-se *L'Âme en bourgeon* e foi escrito e publicado antes do meu nascimento. Coisa curiosa: neste livro fala-se constantemente de um filho varão que será um artista e que sofrerá pela arte. Há um verso que diz: «Eu sofro por um futuro musical que ignoro», o que prenuncia a vocação musical do filho por que esperava. Quero com isto significar que meus pais não me transmitiram a fé de forma explícita, mas vivi os meus primeiros anos num clima literário e sobrenatural que me conduziu à fé por vias naturais. Há crianças às quais o catolicismo nada diz. Para mim foi uma revelação, algo de verdadeiramente assombroso. Mais tarde, já rapaz, cultivei voluntariamente esta tendência e até estudei teologia.

*V. H.* — Estudou num seminário?

*O. M.* — Não, fi-lo só por mim. Agi sempre em tudo como amador

e nunca estudei senão música, já que entrei no Conservatório de Paris com dez anos e saí dele aos vinte. Não segui qualquer outro curso, e todo o latim e grego que sei estudei-o também sozinho. Posso uma biblioteca de 4000 volumes.

*V. H.* — Nunca recebeu algo de semelhante a uma revelação, ao entrar numa igreja, como Claudel...?

*O. M.* — Não. A minha fé é singela e espontânea, sem acidentes e sem tormentos. Mas tive sempre uma tendência marcada para tudo quanto se reveste de foro extraordinário. Creio ser o primeiro e único músico que escreveu uma série de composições dedicadas ao «corpo glorioso», nas quais descrevo as virtudes e atributos geralmente inculcadas ao corpo humano isento de toda a necessidade física, ao corpo imaculado. É um corpo luminoso, que vive da sua própria luz e se desloca com a velocidade da mesma luz e que paira fora do tempo e do espaço. E certamente fora também do próprio sofrimento. O corpo que teremos quando houvermos ressuscitado, depois do fim dos tempos. Neste particular, sempre experimentei a necessidade de meditar sobre as noções de tempo e de duração, embora os músicos se preocupem também com o ritmo, vivem nele e dele, e passem a vida a separar o tempo, que é o nosso melhor amigo e também o nosso principal inimigo, enquanto teólogos, já que temos de esperar a morte e depois sofrê-la, para podermos penetrar em outra categoria, no decurso da qual desejaremos ser vítimas do tempo e do espaço. Durante essa espera, porém, teremos forçosamente de ocupar-nos do tempo.

*V. H.* — É esse um dos temas dominantes da nossa época. O tempo obsessiona tanto os físicos como os próprios Bergson e Proust.

*O. M.* — É um tema que também sempre me obsessiou. Topamos com ele tanto em Platão como em Averróis. Porém, os teólogos foram sempre quem melhor se ocupou dele, a começar por Santo Agostinho e São Tomás.

*V. H.* — Sim, mas o tema do tempo tornou-se algo ao alcance de todos no decurso dos últimos decénios, graças aos cientistas e aos romancistas. Não só o tempo mas também o espaço, embora de maneira específica e distinta. Estamos em vias de conquistá-los ou a ter essa ilusão, o que altera a perspectiva que tínhamos até agora.

*O. M.* — Acho que o facto é ainda mais grave. Estamos a atingir um termo. Estamos prestes a alcançar outra categoria. Ou então o Mundo acabará definitivamente, o que vale o mesmo. Quer isto signifique progresso, como pensa Teilhard de Chardin, ou termine em catástrofe, de qualquer forma entraremos em algo de novo, em outra categoria, e isto implicará uma transformação fundamental.